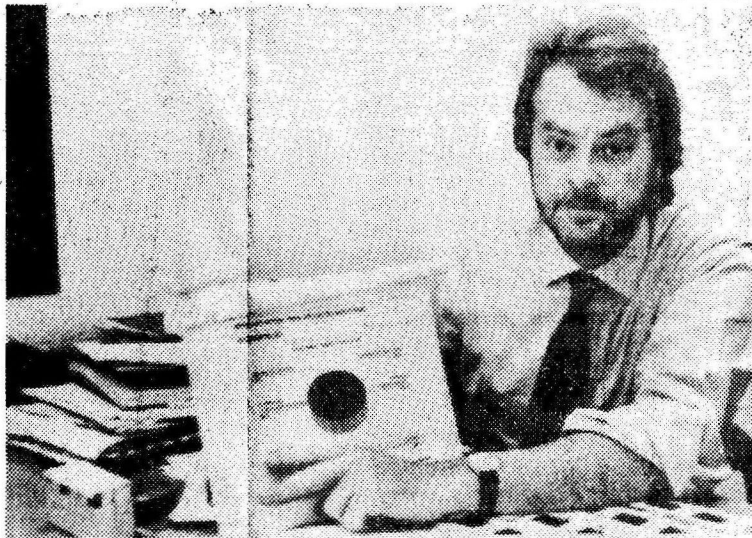




Ballantyne: várias maneiras de apresentar uma verdade

Escocês faz o visual

*Grafista ajuda
exposição de
Jório Dauster*

Maria Lúcia Sigmaringa

SÃO PAULO — Os mais cobiçados segredos da economia nacional — números que boa parte dos brasileiros gostariam de saber — estão enfiados em um sobradinho no bairro de Pinheiros, Zona Oeste de São Paulo, sob a guarda de um ex-diplomata britânico. Robert Ballantyne, 43 anos, amigo da ministra Zélia Cardoso de Mello, é o responsável pelo brilho das exposições do embaixador Jório Dauster e do secretário de Política Econômica Antônio Kandir durante a apresentação do governo brasileiro anteontem de sua proposta de renogociação da dívida externa aos bancos credores. Foi Ballantyne quem criou e transformou em gráficos convincentes, apresentados em transparências da melhor qualidade, a imensidade de números e informações que despencou em sua mesa na sexta-feira passada — apenas cinco dias antes da partida de Kandir para Nova Iorque.

O trabalho de Ballantyne, proprietário da Ballantyne Associados, é dar a melhor forma às informações que chegam às suas mãos de acordo com o público alvo a ser atingido. “Existem várias maneiras de se apresentar a mesma verdade ou a mesma mentira”, explica o ex-diplomata, formado em Ciências Políticas pela Universidade de St. Andrews, na Escócia, e em Línguas pela Universidade de Londres, na Inglaterra. “O grande segredo é fazê-lo de uma forma convincente para o público que se deseja atingir”. No caso deste trabalho para o governo brasileiro, chegaram dois tipos de informações diferentes. De um lado, vieram números que variavam desde simples dados históricos até o crescimento do PIB e da distribuição de renda, que teriam que ser transformados em gráficos. Chegou também ao escritório do es-

cocês o roteiro dos assuntos sobre os quais Kandir ia discutir, para que fossem criadas transparências que floreassem seu discurso.

Todas estas informações estão trancadas a sete chaves no pequeno sobrado e Ballantyne só mostra, mesmo que de relance, o resultado deste trabalho de cinco dias ininterruptos — quando o escritório não chegou a fechar nem mesmo à noite —, com o consentimento da ministra Zélia. “Foram feitas umas 50 transparências de gráficos e mais umas 20 para ilustrar o discurso de Kandir”, conta. Com a experiência de quem trabalha para mais de 200 grandes empresas, como a Rhodia, a Jonhson & Jonhson, o Citibank e a Brasmotor, Ballantyne pode, pelo menos, analisar as informações que chegaram a suas mãos. “O que posso dizer é que o trabalho foi muito bem elaborado”, limita-se a dizer. Legítimo escocês — como o uísque quase homônimo —, Ballantyne conheceu a ministra Zélia Cardoso de Mello quando chegou a São Paulo em 1972. Vinha a serviço da rainha da Grã-Bretanha e seria o cônsul daquele país aqui. Com passagens pela Uganda, na época de Idi Amin Dada, e pela Tailândia, durante a guerra do Vietnã, o diplomata chegou a ser condecorado pela rainha Elizabeth por sua atuação na África, mas decidiu desistir da profissão, após 15 anos de trabalho, justamente quando chegou ao Brasil.

Com seu currículo e suas habilidades — aprendeu onze línguas, entre elas o tailandês e o grego. Já no Brasil, trabalhando para um grande grupo de pesquisas, IPSA, percebeu que não havia ninguém especializado no tipo de comunicação visual a que hoje se dedica. “A pessoa tem que ter a sacação necessária para perceber como trabalhar aquela informação”, analisa. As transparências — método escolhido para o trabalho brasileiro, apesar de também trabalhar com slides — escondem um segredo. “É possível usar outra forma de convencimento — o que chamamos de *eye contact* — porque as transparências podem ser apresentadas com a luz acesa e é possível olhar dentro dos olhos do público”.